

Bibliografia



Joaquim Figueiredo nasceu a 6 de Agosto de 1958 na Chamusca, concelho de Santarém.

Viveu em Óbidos entre os 8 e os 14 anos, idade com que fixou residência nas Caldas da Rainha para trabalhar, de dia e prosseguir os estudos, à noite.

Em 1976, tendo sentido desde sempre o apelo para o teatro, pisa o palco pela primeira vez, sendo de imediato convidado para responsável futuro das festas paroquiais nas Caldas da Rainha. Ainda no mesmo ano, frequenta o curso de “Formação de Actores” na Casa da Cultura e, no ano seguinte, funda o Grupo de Teatro de Revista Juvenil “Os Gaiatos” de que a imprensa regional fez eco diversas vezes devido ao sucesso dos espectáculos. Em 1983, funda o Grupo de Teatro Amador nas Caldas da Rainha e estreia o espectáculo

de café-teatro “Chá com Açúcar”. Pelo sucesso alcançado é convidado para um programa da RTP e aceita animar a vida nocturna de Lisboa onde apresenta vários espectáculos de café-teatro, entre os quais “A Vedeta Que Veio das Caldas”, que lhe valeu, em 1984, o prémio de melhor actor do ano e muitas referências na imprensa nacional.

Em Outubro 1989 é convidado pela actriz Marina Mota a integrar o elenco da revista “A Prova dos Novos” do Teatro Variedades no Parque Mayer. Problemas monetários e de conciliação com a vida militar, levaram-no a optar por uma carreira que lhe oferecia segurança e desiste em definitivo do teatro profissional, mantendo-se sempre ligado a grupos de teatro amador.

A fotografia, outra grande paixão, levam-no a conquistar três prémios em concursos nacionais, entre 1988 e 1990. No entanto, só em 1997 se atreve a apresentar ao público no “Clube de Praças da Armada” em Almada, a exposição “Olhares de Portugal”, apresentada posteriormente noutras cidades do país. Em 1999, a propósito da reversão de Macau para a China, apresentou em Almada a exposição “Adeus Macau” e em 2000 teve patente a sua exposição de fotografia “Património Mundial – Portugal”, no Independente Futebol Clube Torreense, na Torre da Marinha, que posteriormente circulou por outras cidades do continente e da Madeira.

Escreve regularmente, desde 1997, em diversos jornais regionais, actividade que mantém até hoje, sendo colaborador permanente do jornal semanário regional “Comércio do Seixal e Sesimbra”.

Profissionalmente, é militar na Marinha Portuguesa, onde desempenha o cargo de fotógrafo, actividade que concilia com a colaboração na imprensa e com viagens a diversas partes do mundo, contando já com 51 países visitados.

Em 2008, faz a pé o Caminho Francês de Santiago de Compostela, querendo assim comemorar e agradecer ao Cosmos o seu 50º aniversário de vida. No final de cada etapa, escreve o que mais de relevante aconteceu, sem intenção de tornar públicos esses seus escritos. Em Março de 2010, sob a chancela da editora “Fonte da Palavra”, lança o livro “Eu, Português Impuro, no Caminho Francês de Santiago”.

Biblioteca Municipal
Fórum Cultural do Seixal
Quinta dos Franceses – Seixal

Tel.: 210 976 100
E-mail: sic@cm-seixal.pt



www.cm-seixal.pt

Joaquim Figueiredo

CONVERSAS
COM A
Escrita

EU, PORTUGUÊS IMPURO

No Caminho
Francês
de Santiago

Apresentação da obra
Participação especial dos Anjos

13 de Novembro de 2010 • 16 horas
Biblioteca Municipal - Fórum Cultural do Seixal

Quando se vive num reduto de conforto, por vezes em excesso, o que pode inspirar a uma pessoa o arrebatamento por empreender uma peregrinação, mesmo quando, antes de partir, já pesquisou e está informada da dureza do empreendimento; do desconforto; do cansaço; das inevitáveis e dolorosas bolhas nos pés; do que será, incontornavelmente, um desafio em que se põem à prova limites; em suma, um sacrifício? Muitas podem ser as motivações: aproximação à transcendência induzida por um percurso historicamente consagrado e sacralizado; uma oportunidade para um sujeito ampliar o seu auto-conhecimento ou, meramente, acumular uma experiência a que se tem de entregar; um processo expiatório e redentor; uma opção extrema da comunhão e partilha quando conjuntamente decidida e realizada; um meio de sublinhar um pedido procurando assegurar que ele seja melhor ouvido e concedido; o agradecimento pelo reconhecimento de uma dádiva. Esta terá sido a motivação do autor, movido por um sentimento de gratidão pela generosidade da vida que lhe permitiu, aos 50 anos, considerar-se afortunado, uma pessoa feliz. O reconhecimento desta dádiva moveu-o a fazer uma peregrinação a Santiago de Compostela. Mas independentemente da razão que move um peregrino a aceitar o desafio a que se submete, a dimensão de limite, de sacrifício é uma realidade. Sacrifício (sacrum facere), literalmente sacralizar uma oferta ao divino (tornar sagrado), também se pode entender como uma deliberação de alterar ou transcender o vulgar e implica o livre compromisso de se oferecer, de se dedicar, de renunciar ao quotidiano e prescindir de muito em que este se sustenta.

Num *sacrum facere* pode encontrar-se satisfação. Quer nas experiências, quer no percurso. Na sua dádiva de entrega um peregrino faz uma introspecção que amplia níveis de conhecimento, (re)descoberta de ruídos interiores que se desordenam, pensamentos que se libertam e emergem e de oportunidade para os (re)ordenar e posicionar. Neste itinerário pontuado pelos lugares que percorre, pelos albergues onde pára no caminho francês (de Roncesvalles a Santiago de Compostela), pelas pessoas com que se cruza ou com quem partilha a viagem, desenrola-se um itinerário paralelo empreendido pelo autor. Um percurso geográfico e emocional de reencontro consigo próprio, uma experiência de solidão mesmo quando acompanhado. Seja por pessoas, seja por memórias difíceis do passado, uma visita que lhe é grata num contexto que lhe confere uma melhor oportunidade para se libertar delas. Desta experiência resulta o relato “Eu, português impuro, no Caminho Francês de Santiago”.

Este livro descreve um minucioso relato de viagem e discorre sobre observações e

experiências do que pode valer e do que pode não valer a pena num percurso físico e mental. Um percurso em que o excesso e o impacto do esforço a que se sujeitam pessoas mais debilitadas ou talvez impreparadas leva, diariamente, à morte quatro a cinco peregrinos na rota dos caminhos de Santiago. A grande maioria, pura e impura, resiste e, mais ou menos purificada, atinge o destino não sem antes passar por incontornáveis situações a que não podem ser insensíveis. O homem é um ser filosófico e indagador, buscando respostas para interrogações e incertezas. E também dotado de capacidade de imaginar e criar, ampliando conhecimentos, restringindo fronteiras, deslocando limites, emitindo ou reinscrevendo juízos e valores sobre si, sobre os outros e sobre o que o rodeia.

Este caminho de Santiago, um dos possíveis de se percorrer no grande mapa da vida, não deixa de ser um processo de aprendizagem, de uma demanda que se inscreve na totalidade da peregrinação maior de uma existência. Ocorre-nos que talvez todos – os que chegaram e os que não chegaram ao fim deste caminho – tenham encontrado sentido num pensamento de António Quadros: as viagens que verdadeiramente valem a pena fazer são as interiores pois, nas outras, apenas nos deslocamos. Se ao fim de cinco dias o corpo se habitua a resistir às agruras das jornadas, a totalidade humana de que é parte tem de encontrar e dar um sentido ao percurso e ao destino a atingir. O que só pode ser conferido pela forma como a pessoa se posiciona face a ele e que, suspeitamos, não se deverá reduzir apenas à imposição do cumprimento de um itinerário métrico por jornada. Talvez a uma exigência individual de uma experiência interior mais ampla. Algo deve distinguir um peregrino, ou um viajante, de um turista. De contrário, que sentido teria este percurso, quer quando voluntariamente abandonado (ou incumprido por impossibilidade extrema), quer quando se atinge o seu final? O que haveria para dizer seria apenas: “Está ali a catedral; estou a chegar. É isto. Acabou-se!”. Acreditemos antes que para um peregrino, um viajante, as coisas não acontecem nem acabam assim, porque o que verdadeiramente os move não é apenas chegar ao destino. É o percurso físico, geográfico, mental e espiritual que percorre todo o caminho; é tudo aquilo que envolve o destino visado e a própria pessoa. Dizer mais é difícil e inútil pois esbarra-se na ordem do indizível, do indescritível, do irrepresentável. Porque “um sentido não se diz (...). O sentido procura a linguagem mas inevitavelmente esbarra nela”. (Bernardo Pinto de Almeida)

(...) Muitos eram os peregrinos sentados na relva do jardim privado do estabelecimento, a cuidar das pernas e dos pés. Com cremes, pomadas e sprays, massajavam os membros inferiores aliviando uns e precavendo outros, as perturbações, que ignoradas, podem trazer consequências graves. Impressionante como ao fim de vinte e um dias de caminho, o corpo de muitos peregrinos, parece ainda não se ter adaptado ao ritmo e ao esforço do andar. Uns apresentavam bolhas que tratavam com uma linha fina de algodão e que, enfiada numa agulha, perfurava a pele em dois pontos, ficando o fio em forma de anel, preso à pele que nunca deve ser removida. Outros esfregavam as pernas e os pés com vaselina para precaver as distensões musculares e as câibras. Uns tantos faziam exercícios de alongamento dos membros, outros mais espalhavam no rosto, braços e pernas, creme protector para as queimaduras do sol que se fazia sentir. Alguns peregrinos cortavam as unhas dos pés que depois passavam por talco, para enfiar em dois pares de meias: um interior, de algodão e sem costuras e outro exterior mais grosso. Depois metiam os pés em calçado com palmilhas de espuma ou de carvão, ideais para amortecer os impactos e evitar odores. Muitos peregrinos estavam deitados na relva, com as pernas elevadas e apoiadas nos bancos de madeira compridos ali existentes. Espalhadas pela relva, viam-se algumas embalagens de Betadine e analgésicos anti-inflamatórios, à mistura com ligaduras e pensos. (...)